



## ENTRE COLOS E AFETOS: A HORA E A VEZ DOS BEBÊS NA LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

*Sara da Silva Pereira<sup>1</sup>*

*Lucimar Rosa Dias<sup>2</sup>*

**Resumo:** O trabalho teve como objetivo analisar os livros: Tanto, tanto (COOKE, 2008); É o aniversário do Bernardo (ROSA, 2015) e Cheirinho de neném (SANTANA, 2011), todos de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira escritos por mulheres negras e que têm bebês negros como protagonistas. Identificamos como eles contribuem positivamente para a construção da identidade da criança negra com base nos estudos de Araujo e Dias (2019); Oliveira (2003); Debus (2017); Bernardes (2018). Os resultados mostram que estes livros são construídos por textos e imagens que coadunam com uma representação positiva dos personagens negros, apresentando-os de modo a valorizar a estética negra e afirmando a agência dos bebês como produtores de cultura quando protagonizam experiências próprias desta etapa da infância.

**Palavras-Chave:** Literatura infantil; Cultura Africana e Afro-brasileira; Bebês negros; Infâncias Negras.

### BETWEEN LAPS AND AFFECTIONS: THE TIME AND TURN OF BABIES IN CHILDREN'S LITERATURE ON THE SUBJECT OF AFRICAN AND AFRO- BRAZILIAN CULTURE

**Abstract:** The work aimed to analyze the books: Tanto, Tanto (COOKE, 2008); It is the birthday of Bernardo (ROSA, 2015) and Cheirinho de neném (SANTANA, 2011), all of children's literature on African and Afro-Brazilian culture written by Black women and who have black babies as protagonists. We identified how they contribute positively to the construction of the identity of the black child based on the studies by Araujo and Dias (2019); Oliveira (2003); Debus (2017); Bernardes (2018). The results show that these books are constructed by texts and images that match a positive representation of black

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas ErêYá/NEAB/OCUPP/UFPR, integrante do NEABI/UFAC, professora na etapa da Educação Infantil. E-mail: [sarabrownsummer@gmail.com](mailto:sarabrownsummer@gmail.com) . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5825-3532>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora da UFPR, coordenadora do grupo de estudos e pesquisas em Educação para as Relações Étnico-raciais ErêYá/NEAB/OCUPP/UFPR, membra da APBN. E-mail: [lucimardias1966@gmail.com](mailto:lucimardias1966@gmail.com) . Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1334-5692>.



characters, presenting them in a way that values black aesthetics and affirming the agency of babies as producers of culture when they carry out their own experiences of this stage of childhood.

**Keywords:** Children's literature; African and Afro-Brazilian culture; Black babies; Black childhoods.

### **ENTRE REGAZOS Y AFECTOS: LA HORA Y LA VEZ DE LOS BEBÉS EN LA LITERATURA INFANTIL SOBRE LA CULTURA AFRICANA Y AFROBRASILEÑA**

**Resumen:** El trabajo tuvo como objetivo analizar los libros: Tanto tanto (COOKE, 2008); É o aniversário do Bernardo (ROSA, 2015) y Cheirinho de neném (SANTANA, 2011) todos de la literatura infantil sobre la cultura africana y afrobrasileña escritos por mujeres negras y que tienen bebés negros como protagonistas. Identificamos como contribuyen positivamente a la construcción de la identidad del niño negro a partir de los estudios de Araujo y Dias (2019); Oliveira (2003); Debus (2017); Bernardes (2018). Los resultados muestran que estos libros se construyen con textos e imágenes que son consistentes con una representación positiva de los personajes negros, presentándolos de una manera que valora la estética negra y afirmando la agencia de los bebés como productores de cultura cuando llevan a cabo sus propias vivencias de esta etapa de la infancia.

**Palabras clave:** Literatura infantil; cultura africana y afrobrasileña; Bebés negros. Infancia negra.

### **ENTRE BERCEMENTS ET AFFECTIONS: LE TEMPS ET LE TOUR DES BÉBÉS DANS LA LITTÉRATURE ENFANTINE THÉMATIQUE DE LA CULTURE AFRICAINE ET AFRO-BRÉSILIENNE**

**Résumé:** Le travail de recherche visait à analyser les livres: “Tanto, Tanto” (COOKE, 2008); “É o aniversário do Bernardo” (ROSA, 2015) et “Cheirinho de neném” (SANTANA, 2011). Tous de la littérature enfantine, sur la culture africaine et afro-brésilienne, écrite par des femmes noires, et qui ont des bébés noirs comme protagonistes. Nous avons identifié comment ils contribuent positivement à la construction de l'identité de l'enfant noir sur la base des études d'Araujo et Dias (2019); Oliveira (2003); Debus (2017); Bernardes (2018). Les résultats nous a montré que ces livres sont construits par des textes et des images qui correspondent à une représentation positive des personnages noirs, en les présentant d'une manière qui valorise l'esthétique noire et en affirmant l'agence des bébés entant que producteurs de culture lorsqu'ils réalisent leurs propres expériences dans cette étape de l'enfance.

**Mots-clés:** Littérature enfantine; Culture africaine et afro-brésilienne; Bébé noirs: Enfances noires.

## **INTRODUÇÃO**



Este artigo é resultado das análises de livros que tratam da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, realizadas como parte das atividades de um projeto de extensão desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação das Relações Étnico-raciais ErêYá, vinculado ao Observatório de Culturas e Processos Políticos-Pedagógicos (OCUPP) e ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), ambos da Universidade Federal do Paraná.

Busca-se identificar essa literatura e propiciar referenciais para familiares e profissionais da educação de modo que acessem tais produtos e coloquem à disposição de bebês. Neste artigo nosso objetivo foi analisar livros escritos por mulheres negras e que apresentassem bebês negros como protagonistas. Para realizar tal intento, além do estudo das obras selecionadas, discorreremos sobre as múltiplas infâncias e as reflexões sobre os bebês partindo do arcabouço teórico que discute a infância como categoria analítica sem, contudo, esgotar o assunto, uma vez que nosso objeto é a literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.

Começamos por explicitar nossa opção por essa nomenclatura: “literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira”. A pesquisadora Eliane Debus (2017) ressalta que ela diz respeito a uma categoria “circunscrita a uma literatura que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira sem focalizar aquele que escreve (autoria), mas sim o que tematiza” (DEBUS, 2017, p. 33). Além de tratar de temas referenciados ao campo imagético do continente africano, também faz parte deste grupo de literatura a produção que inclui personagens negros apresentados de modo positivo em experiências cotidianas.

Assim, optamos por adotar esse termo para designar os livros por nós aqui apontados, uma vez que estes apresentam positivamente bebês negros e negras protagonizando situações diversas. Essa literatura é produzida por mulheres negras que compartilham a autoria com ilustradoras brancas. A temática está anunciada tanto na escrita quanto nas imagens.

Sinalizamos, ainda, que há pouca produção na literatura de temática africana e afro-brasileira que apresente bebês e, por isso, consideramos importante discutir sobre as obras eleitas para este texto e tecer considerações a respeito das possibilidades de construção da identidade étnico-racial positiva já com os bebês e como eles podem realizar a leitura das mesmas com a mediação dos adultos.



## OS BEBÊS, AS NARRATIVAS E O AFETO

O conceito sobre criança e infância tem se destacado cada vez mais devido aos estudos da Sociologia da Infância, os quais levam em consideração os aspectos sociais em sua pluralidade de contextos, ultrapassando a compreensão da criança como um ser unicamente biológico. Anete Abramowicz e Fabiana Oliveira (2012) endossam esses estudos e relatam que:

Com a inflexão proposta pela sociologia da infância permitiu-se pensar a criança como sujeito e ator social de seu processo de socialização, e também construtora de sua infância, de forma plena, e não apenas como objeto passivo desse processo e/ou de qualquer outro (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2012, p. 49).

As autoras problematizam a infância como uma categoria estrutural, mas ampliam a discussão para o campo da diferença, alertando que não há como desconsiderar nestas reflexões a heterogeneidade, uma vez que as crianças constroem e são construídas na imersão da história, sendo, portanto, distintas as variáveis na formação delas como sujeitos sociais. Assim, para entender a infância temos que considerar fatores interseccionais, como: raça, classe e gênero, os quais caracterizam a pluralidade das infâncias.

Quando se tratam dos bebês, há uma lacuna muito grande nesses mesmos estudos, uma vez que “[...] os bebês continuam ocupando apenas uma condição marginal em tais teorias” (TEBET, ABRAMOWICZ, 2014, p.45a). As autoras acreditam que nos estudos que tomam como referência a Sociologia da Infância os bebês estão secundarizados e propõem uma constituição teórica específica para eles, já que esta é um vasto campo de conhecimento baseado em diferentes referenciais teóricos.

Há bem pouco tempo, duas décadas talvez, os bebês eram invisíveis nos estudos sobre crianças e infâncias, fato esse atribuído à “dificuldade dos pesquisadores para compreender os bebês e a necessidade de um olhar específico e metodologias específicas para diagramá-los” (TEBET, ABRAMOWICZ, 2018, p.925b). No entanto, contemporaneamente pesquisadores/as têm se debruçado para incluir os bebês nos estudos educacionais numa perspectiva sociológica, Ângela Scalabrin Coutinho (2019), por exemplo, identifica que os bebês estabelecem relações sociais recíprocas entre eles e



que estas podem ser diferentes de acordo com os contextos sociais em que são partícipes.

Por isso, propõe:

Tomar a estratificação social como chave-teórica para a análise das ações sociais dos bebês implica pensar esses sujeitos a partir do seu lugar na sociedade e na família, mas não em uma relação de submissão a estas, já que no campo dos estudos sociológicos esta é a tradição e que o poder dos sujeitos na sociedade está diretamente vinculado a fatores econômicos, mas não só (COUTINHO, 2019, p. 59).

A autora destaca a insipiência dos estudos a respeito da ação social dos bebês que considerem fatores interseccionais, como seu pertencimento em relação à cultura, classe, gênero e raça, concluindo que é preciso avançar nos estudos sobre as diferentes infâncias, fato esse corroborado por nós.

Se os estudos com bebês são escassos de modo geral, quando o assunto é literatura infantil, a produção acadêmica é ainda menor. Letícia Carla dos Santos Melo Hampel (2016), em sua pesquisa de mestrado analisou a mediação de leitura com bebês e, ao realizar o levantamento bibliográfico em diferentes bancos de dados, verificou que ao longo de 10 anos apenas 14 pesquisas trabalharam com esse viés, confirmando a afirmação acima. Tal constatação mostra a necessidade de mais pesquisas nessa área, identificando a agência dos bebês em relação à literatura infantil e produzindo um arcabouço teórico que referencie outros estudos que contribuam para a compreensão destes, garantindo o acesso deles a narrativas cada vez mais plurais, seja por meio dos livros, da contação ou da palavra mediada pelos adultos.

Assim, ao tratarmos da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira e os bebês, é importante conhecer especificidades de estudos que buscam entender esses bebês e as redes tecidas por eles, com e para eles, para que possamos compreender a diferença também quando se tratam deles, pois defendemos um determinado tipo de livro sobre e para alguém específico: um bebê que quase não aparece nas narrativas literárias. Porém antes disso, vamos discutir o que é literatura para bebês. Muitos devem estar se perguntando: mas e o bebê sabe ler?

Ao concordamos com uma construção teórica que questiona o adultocentrismo, conforme Fúlvia Rosemberg (1985) já anunciou, ou seja, que problematiza as relações de poder estabelecidas entre adultos e crianças em que estas são tratadas sob a ótica do vir a ser e da incompletude, desconsiderando aspectos singulares à infância e sem lhes respeitar



o direito à escuta e a participação, atuamos para que este modo de interação seja superado e apostamos na capacidade leitora do bebê. Acreditamos que esse é o início da resposta ao questionamento sobre os bebês enquanto leitores. Assim, a depender das perspectivas que se têm de infância e de criança é que se determinará ser importante ou não compartilhar leituras e livros com os bebês.

Nós responderemos afirmativamente para a questão posta. Sim, acreditamos que o bebê interage com os livros, tem capacidade leitora e direito à literatura, tanto quanto as demais crianças e adultos. E esse direito perpassa não somente o acesso, como também sua representação nos livros.

Mônica Correia Baptista, Célia Abicalil Belmiro e Cristiene Galvão (2016) sinalizam que a história do leitor começa quando a criança vem ao mundo, uma vez que ela é introduzida em um universo de linguagem em que a leitura é concebida “[...] como uma prática social, ou seja, uma prática que se realiza a partir de um processo cultural” (BAPTISTA, BELMIRO, GALVÃO, 2016, p. 74). Será através das interações vivenciadas pelo bebê que ele construirá sentidos e se iniciará como ser de linguagem. Algumas famílias leem para seus bebês mesmo antes do nascimento, ou seja, acredita-se que durante a gravidez é possível estabelecer interação com eles por meio da leitura.

O ato da leitura é entendido aqui como um processo de negociação de sentidos em que o bebê constrói significados desde que nasce e não meramente como a reprodução de um código escrito. Para a pesquisadora Yolanda Reyes (2010) as primeiras relações mantidas entre o bebê e a mãe<sup>3</sup> são importantes e iniciam o ato de leitura, uma vez que os sujeitos influenciam entre si durante o processo de negociação de sentidos, numa espécie de jogo interativo.

A atividade interpretativa de grande riqueza emocional e cognitiva empreendida pela criança muito antes de seu acesso à alfabetização formal sugere uma concepção orgânica do processo leitor, semelhante à ideia do desenvolvimento como *continuum*, na qual também não cabe falar de etapas drasticamente separadas nem dos antes denominados ‘pré-requisitos’ (REYES, 2010, p. 23).

Entendemos que o bebê não precisa dessa “preparação para a leitura”, uma vez que já é um leitor que constrói sentidos a partir dessa relação que estabelece partilhando com os adultos, assim como não é necessário ser preparado para estar nessa sociedade,

---

<sup>3</sup> Acreditamos que outros adultos poderiam ocupar este mesmo papel.



haja vista que é um ser social, que tem voz própria e capacidade de participação, demandando uma escuta atenta da nossa parte para entendermos suas linguagens.

Se a criança se apropria do mundo na interação e na relação com o outro, percebemos que nesse processo o afeto é parte substancial e, para o bebê, talvez crucial. A afetividade pode ser Expressa também por meio da leitura, tanto nos gestos empreendidos durante sua realização, que podem ser acompanhados de afagos e carinho, quanto no colo partilhado no momento de ler ou na sonoridade das palavras proferidas por quem faz a mediação.

Por isso, a presença da literatura desde o berço é apontada por pesquisadoras e pesquisadores como anúncio de várias vantagens trazidas por esse encontro, considerando que: a literatura traz para o leitor notícias de si e do outro, distintas e ao mesmo tempo semelhantes (REYES, 2010); as crianças aprendem a linguagem e o significado do que as rodeia (BAPTISTA, LÓPEZ, ALMEIDA JR, 2016); a proximidade com o texto literário permite que a criança assuma o jogo ficcional, impactando na construção de sua subjetividade (BAPTISTA, BELMIRO, GALVÃO, 2016); ajuda a relacionar-se com o outro, por meio das diferentes formas de conhecer e se inscrever no mundo (MATTOS, 2013).

Mas, que literatura é essa que traz um conhecimento de si e do outro, que ajuda na construção da subjetividade dos bebês e que amplia as experiências das crianças? Será que em seu bojo ela contempla esse “outro” em toda a sua plenitude e diversidade? Em se tratando de bebês negros/negras, eles/elas conseguem se identificar com os personagens a que têm acesso? Será que essa representatividade importa?

Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005) realizou um estudo que analisa as representações sociais sobre o/a personagem negro/negra em livros de literatura, nas três primeiras décadas do século XX, pontuando que esses/essas surgiram na literatura infantil justamente a partir da década de 1920, figurando como contadores e contadoras de histórias, personagens relacionados ao misticismo e até embranquecidos/embranquecidas pela negação ou desvalorização de seu pertencimento étnico-racial. Anterior a esse período eram praticamente ausentes nas narrativas ou, quando apareciam, estavam relacionados à escravização, retratados ocasionalmente e em papéis secundários, em cenas domésticas, na maioria das vezes, sem falas ou participação na trama.



Parecem tão distante de nós apreensões sobre a produção da literatura infantil sob este viés, mas em estudos mais recentes, como o de Maria Anória de Jesus Oliveira (2003), verificamos que a distância não é tão longa assim, pois na década de 1980 poucas foram às inovações constatadas em obras analisadas por ela. A pesquisadora aponta que, das doze obras investigadas em seu estudo, apenas uma foi inovadora em relação à construção do/da personagem negro/negras, as demais reforçaram o racismo que queriam denunciar. Ela pontua que nos livros foi possível detectar vários estereótipos e situações como: personagens construídos à margem dos brancos, alusão à democracia racial e ao ideário de mestiçagem, a associação do negro à pobreza e escravização e a construção de uma história única do povo negro centrada nestes aspectos.

A pesquisadora Eliane Debus (2017), apresenta como resultado de pesquisas que mapearam a produção literária infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira nos catálogos editoriais brasileiros, a constatação de uma ampliação de títulos nessa temática após a promulgação da lei 10639/2003 que inclui o Artigo 26-A na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação escolar.

Embora crescente a produção, ela não está presente nos ambientes educacionais e nem nas práticas familiares de leitura de modo paritário à literatura que apresenta narrativas eurocentradas e personagens brancos. Se pensarmos nos bebês negros, são pouquíssimos os que aparecerem nas histórias e também nos estudos acadêmicos a respeito de se compreender a infância. Por isso, constatamos que estes passam por processos múltiplos de exclusão e que é importante discutir estes aspectos para que tais personagens possam surgir e protagonizar histórias que deem conta de suas existências, garantindo a este grupo o direito de participação.

Nos estudos que temos realizado, constatamos circulando no mercado editorial brasileiro, novas tendências da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. Atualmente, existem livros que tematizam o cabelo como elemento de enfrentamento ao racismo, de empoderamento da criança negra e de valorização da estética e da identidade: *As tranças de Bintou* (DIOUF, 2004); *Betina* (GOMES, 2009); *Chico Juba* (GAIVOTA, 2011); *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um* (DIAS, 2012);



Meu crespo é de rainha (hook<sup>4</sup>, 2018); O mundo no Black power de Tayó (OLIVEIRA, 2013); Amor de cabelo (CHERRY, 2020), dentre outros.

A temática africana, sua mitologia e a ancestralidade também aparecem representadas nos livros contemporâneos, tais como: Bruna e a galinha d'Angola (ALMEIDA, 2009); Os nove pentes d'África (SILVA, 2009); Omo Obá histórias de princesas (OLIVEIRA, 2009); Anansi, o velho sábio (KALEKI, 2007); Lendas da África moderna (LIMA; ANDRADE, 2018); As tranças de minha mãe (FÁTIMA, 2018), dentre outros tantos que trazem em suas páginas toda a magia e encantamento proporcionado pelas histórias, mitos, lendas e costumes africanos.

Autores e autoras brasileiros/brasileiras também tematizaram e eternizaram em suas narrativas feitos de personagens importantes, baseados em fatos, apresentando a história de pessoas negras que são referência de luta, como é o caso de Nelson Mandela personagem do livro Madiba, o menino africano (BARBOSA, 2011). Nessa mesma categoria se encontram: Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta (ROSA, 2012); O menino coração de tambor (GOMES, 2013); Antonieta (DEBUS, 2019), dentre outros tantos que contam os feitos e a vida de pessoas negras que marcaram a história.

Os livros que apresentam príncipes e princesas negras, embora em menor quantidade, também estão presentes na literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira. Representa essa categoria, livros como: O casamento da princesa (SISTO, 2009); O príncipe da Beira (MARINHO, 2011); Princesas negras (MEIRELES; SOUZA, 2018); O pequeno príncipe preto (FRANÇA, 2020) e outros contos e narrativas que apresentem o reinado de um/uma personagem negro/negra.

Existem ainda muitas outras histórias que apresentam meninos e meninas negras como protagonistas de suas vidas e ações que fazem alusão ao continente africano ou à cultura afro-brasileira por meio das referências positivas em relação à cultura afro-brasileira e os personagens são ilustrados de modo a valorizar uma dada estética que contribui para uma construção positiva da identidade da criança negra. Nesse rol, destacamos as seguintes obras: O menino Nito (ROSA, 2008); Tanto, tanto (COOKE, 2008); Cheirinho de neném (SANTANA, 2011); É o aniversário do Bernardo (ROSA, 2015); As bonecas negras de Lara (FERREIRA, 2017); Caderno de rimas do João e

---

<sup>4</sup>Em respeito à decisão da autora em grafar seu nome em minúscula mantemos também aqui esta opção.



Caderno sem rimas da Maria (RAMOS, 2015; 2018); Lindara, a menina que transbordava palavras (ROSA, 2019) e outras produções que têm culminado no mercado.

Como ressaltou Debus (2017), o número de obras que tematizam a cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil tem sido ampliado. Contudo, nem sempre essas publicações estão acessíveis às crianças, principalmente quando se tratam de bebês e das crianças bem pequenas. Fato esse abordado por Sara da Silva Pereira (2019) em sua pesquisa. O estudo se propôs a ouvir crianças com idades entre 3 e 4 anos a respeito da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. Esperava-se compartilhar com as crianças do Centro Municipal de Educação Infantil em que a pesquisa foi realizada, um livro retirado da própria biblioteca da unidade. No entanto, ao realizar o levantamento das obras da instituição uma das constatações foi de que praticamente não havia livros da temática.

Quando se tratam de livros com uma única representação, predominantemente eurocêntrica, as questões que se colocam são muito sérias, pois se os que estão acessíveis para as crianças trazem somente personagens brancos, como meninas e meninos negros estão tendo o seu direito à construção de uma identidade positiva garantido? O que as crianças brancas estão aprendendo sobre si e sobre o outro? Aprenderão elas a valorizar as diferenças, se estas nem mesmo se fazem presentes nos livros a que têm acesso? O que aprendem se a branquitude normativa é a orientação para a escolha de livros? E qual literatura permeia o imaginário das crianças, constituindo-as como leitoras e como seres humanos?

Araujo e Dias (2019) apresentam um estudo sobre vozes de crianças pretas em pesquisas e na literatura e apontam que: “Às crianças pretas e brancas o que lhes é oferecido para constituírem conceitos amplos e positivos da diversidade que compõe o mundo é muito pouco” (ARAUJO; DIAS, 2019, p. 2). Assim, constatamos que, embora já tenhamos bons títulos disponíveis, nem sempre as instituições e os cursos de formação enfatizam a importância desse tipo de literatura estar presente no cotidiano das crianças na sua mais ampla variedade, demandando que os professores e professoras passem por formação continuada específica na área para mudanças efetivas em suas práticas em relação a essa temática.

Acreditamos que a formação possibilita aos professores e professoras conhecimento sobre a temática e aplicação prática daquilo que aprenderam, como nos



aponta a pesquisadora Lucimar Rosa Dias (2012), que investigou como professoras da educação infantil mobilizaram saberes, após realizarem cursos sobre educação das relações étnico-raciais. Ela constatou resultados positivos em relação às práticas, uma vez que as professoras participantes do estudo produziram metodologias, reorganizaram o currículo, reformularam os projetos políticos pedagógicos e ainda cobraram das instituições a compra de materiais para trabalhar com a temática étnico-racial.

Assim, para contribuir com esse trabalho de formação, discussão e análise de materiais que auxiliem no enfrentamento ao racismo e ampliem a representatividade de meninos e meninas negras, nos debruçamos sobre os livros de literatura infantil com objetivo de visibilizar produções que coadunem com uma perspectiva emancipatória e com representações positivas dessas crianças e especialmente de bebês. O levantamento realizado por Pereira (2019), veio acompanhado de outra constatação: na sala dos bebês não havia nenhum livro disponível para eles. Bebês não leem? Como já respondemos sim, bebês leem e por isso, é necessário que nos preocupemos também com a produção de livros da temática africana e afro-brasileira para eles.

### **A HORA E A VEZ DOS BEBÊS**

Dentre as obras anteriormente apontadas como tendências atuais da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, constatamos três que apresentam bebês negros como protagonistas: Tanto, Tanto (COOKE, 2008), É o aniversário do Bernardo! (ROSA, 2015), Cheirinho de neném (SANTANA, 2011) e todas elas escritas por mulheres e negras.

Trish Cooke é uma autora negra, de origem afro-caribenha e em sua obra “Tanto, tanto!” (2008) apresenta uma família carinhosa que se reúne para comemorar o aniversário do patriarca. A narrativa repete frases e palavras, prendendo a atenção do leitor do início ao fim; traz imagens belíssimas de uma família negra possibilitando ao bebê negro que se reconheça e reconheça os seus pares de forma positiva. A ilustração é de Hellen Oxembury.

Trata-se de um livro maior que o usual (30x25cm), com imagens e cores que ocupam a página inteira. O título indica o que está por vir, antes mesmo de folhearmos, pois o livro tem intensidade, e, é de amor que trata a história na qual o bebê é o centro.



Na capa pode-se vislumbrar a imagem de um pai com seu bebê no colo, em um movimento, propiciado pelo encontro e enlevo. Um prelúdio que convida a abrir o livro e mergulhar na aventura do enredo. E, ali, na primeira página, o leitor é recepcionado por um bebê sorridente que pede colo, nos convidando a acomodá-lo em um abraço cheio de carinho, de afeto. Quem lê é apresentado ao bebê e sua mãe que pelas imagens aparentavam esperar alguém. Fato esse corroborado pelo aparecimento dos demais personagens que são introduzidos um a um, como convidados esperados para uma festa surpresa.

Esta é uma história de repetição e acumulação em que os elementos são encadeados num ritmo quase musical, conferindo sonoridade à narrativa, endossada por figuras de linguagem como as onomatopeias presentes em todo o texto, ou uma rima e outra. Tudo na obra é vivido de maneira intensa o que é demarcado pela repetição de algumas palavras na frase; do uso do advérbio tanto, repetido seguidamente e pela escolha dos verbos para demonstrar o afeto em relação ao bebê (apertar, beijar, comer, lutar).

Numa cadência que simula uma canção, elementos novos são inseridos, brincando com a memória do leitor e também de quem ouve. As imagens reforçam a entrada desses elementos e mostram os integrantes da família todos com um fenótipo negro, feições ou cabelos, todos dançantes em suas roupas coloridas. Há muito movimento nas imagens.

A estética negra é apresentada nas vestimentas, nos cabelos, tanto nos cortes como nos penteados: a mãe usa tranças Nagô; o bebê tem corte bem curtinho, semelhante ao pai que também usa barba; a tia aparece com um coque no alto da cabeça, adornado com uma tiara de tecido em estilo turbante; o tio aparece com um corte militar e bigode; a vovó de cabelos bem curtinhos, colar e pulseira, usa chapéu enfeitado com um laço de cetim em poá; Nana aparece de boina e cabelos curtos e grisalhos, usa brincos e colar combinando; Quico, o primo, também tem corte militar, usa chapéu e aparenta ser despojado; Tonho, o outro primo usa boné sobre a careca.

O aniversário é do papai, mas quem protagoniza a história é o bebê que é saudado por todos da família de maneira peculiar: ora com apertos, colo, beijos, lutinhas, tapinhas, ora com abraços. Ele interage com todos do início ao fim da trama, tornando-se o centro das atenções. Tanto o texto quanto as imagens são tecidos numa rede de afetos, que é uma



característica marcante da obra. É pulsante a união, o amor, o carinho que reúne os membros da família em torno da comemoração do aniversário de um dos seus.

O outro livro escolhido trata também de aniversário, desta vez é o do próprio bebê personagem: “É o aniversário do Bernardo!” (2015) de Sonia Rosa, escritora negra, nascida no Rio de Janeiro, brasileira. É uma escrita marcada pelo afeto e pelo amor e que apresenta um encontro entre familiares para comemorar um aniversário. Na primeira página, é oferecida a quem lê uma fatia de bolo, convidando a degustar cada pedacinho da narrativa, provando as delícias ali servidas. Há o anúncio de que se trata de uma história real e o bebê é o sobrinho da autora, o que acreditamos aproximar ainda mais quem faz a leitura do enredo, afinal poderia ser o nosso sobrinho.

É um livro grande (31x30 cm), com ilustrações tridimensionais e coloridas, feitas por Luna, em massinha de modelar e fotografadas para compor a história e que ocupam toda a página; apresenta personagens que representam a diversidade étnico-racial brasileira, sendo essa uma das características das obras dessa autora. De acordo com Tatiana Valentin Mina Bernardes Bernardes (2018, p. 124): “A representação das personagens nas imagens seguem características e traços positivos, proporcionais, sem aspectos estereotipados”.

A repetição novamente está presente ritmando a narrativa, nos lembrando, constantemente, o motivo principal daquele encontro: o aniversário do bebê Bernardo. Ele aparece nas ilustrações somente nas páginas finais da narrativa, porém sua presença é lembrada constantemente, uma vez que tudo está sendo feito para ele. Os elementos do preparo da festa são inseridos de forma ritmada, página a página são apresentados os membros da família, as guloseimas que serão servidas e os convidados.

Um universo poético é criado através da personificação de uma casa que acorda feliz, das rimas sonoras entre uma estrofe e outra e da sinestesia presente no cheiro de pipoca que perfuma o ar. Quase dá para sentir esse aroma ao folhearmos o livro. Uma narrativa encantadora e repleta de sensações.

Outro livro que conquista a atenção dos pequenos leitores, ao ser compartilhado com eles, seja através da leitura, da contação ou do manuseio pelos mesmos, é “Cheirinho de neném” (2011), de Patrícia Santana, uma mulher negra, professora, de Minas Gerais, Brasil. Seu livro é uma história de acolhimento e afeto, comum a muitas crianças por



referir-se à chegada do irmão mais novo. Uma narrativa protagonizada pela menina Iara e seu irmão Abayomi.

A autora, já na primeira página, informa que a obra foi inspirada em seus filhos, aproximando mais o leitor da narrativa e permitindo uma identificação. A chegada de um novo membro nem sempre é um momento fácil para o/a irmão/irmã mais velho/a, mas para Iara foi “[...] o melhor presente da sua vida” (SANTANA, 2011, p. 4). A menina fica encantada com as novas possibilidades que teria, considerando que essa seria uma nova vida: “Vida com irmão. Sem solidão de menina sozinha” (SANTANA, 2011, p. 10).

Nessa obra, o amor e o encantamento pelo irmão são desvelados com vivacidade, pois Iara demarca o quanto apreciava o pequeno bebê, referindo-se ao mesmo como: “Tão bonitinho. Tão fofinho. E o cheirinho tão bom!”. As ilustrações corroboram essa afeição, exibindo a menina olhando para o irmão de maneira afetuosa, cheirando-o, embalando-o em seus braços e segurando-o no colo com cumplicidade.

Nessa obra, a ilustração é um complemento da narrativa, conduzindo os pequenos para o que nem sempre é apresentando com as palavras e despertando a vontade de saber o que acontece na história. As imagens nos aproximam de uma família negra sem estereótipos, por meio de animação. É um projeto gráfico de qualidade que atrai a atenção dos pequenos. É perceptível a textura dos cabelos, em que a mãe os usa em estilo Black power; Abayomi, o bebê, tem pouco cabelo e como é próprio dos bebês não encrespam nessa idade; Iara muda de penteado durante a história, primeiro aparece com franja de tranças Nagô, depois com as tranças separadas do Black power que está preso por uma fita amarela; o pai usa trançado em rastafári, com uma parte em coque no alto da cabeça.

A característica mais marcante da obra é a sinestesia presente nos diferentes cheiros que Iara atribui ao irmão e à vida, despertando sensações olfativas em quem lê, não somente por conta da figura de linguagem, mas também pela ilustração que materializa esses aromas. No texto, a vida tem cheiro e é adocicado, combinando com as fragrâncias do irmão Abayomi. O livro insinua que se o amor tem cheiro deve ser igual a cheirinho de neném!

Discutir a literatura infantil, especialmente a da temática africana e afro-brasileira em relação a como os bebês estão circunscritos nesta produção e também no acesso, colabora para que os adultos pensem sobre isso e passem a fazer escolhas



considerando estes aspectos. Como afirmaram Araujo e Dias (2019, p. 1): “É uma aposta no entrelaçamento de vozes para que possamos esperar histórias mais cheias de vida às todas as crianças, como projeto de uma educação antirracista”.

Essa educação antirracista passa também pelos referenciais literários, quando trazem múltiplas interpretações sobre o mundo, evidenciando que todos e todas podem falar sobre seus modos de ser e estar nele e que bebês fazem parte destas possibilidades. Os bebês precisam da escuta ativa dos adultos e quando nos permitimos ouvi-los constatamos que se ver representados de forma positiva nas páginas de um livro, é algo que eles gostam, mobiliza seus sentidos e que os fazem participar das narrativas. Eles se comparam às ilustrações, reconhecem as representações familiares e vibram com os acontecimentos presentes nos textos e nas imagens.

### CONCLUINDO SEM PERDER O AFETO

Refletir sobre os bebês na literatura infantil e sobre esta para os bebês é algo novo, tanto na produção de material quanto nas pesquisas da área. Quando se trata da temática da cultura afro-brasileira e africana a escassez é ainda maior, pois constatamos a ausência de bebês negros nas ilustrações, o que invisibiliza estas existências. Ao lado deste fato há a dificuldade de acesso, por parte dos pequenos, à literatura existente, resultante muitas vezes do desconhecimento e da falta de percepção, por parte dos adultos mediadores, da importância de ter essas obras no acervo das instituições de educação e das bibliotecas familiares. Por isso, a necessidade de nos debruçarmos sobre as produções contemporâneas que apresentam meninos e meninas negras, em diferentes faixas etárias, protagonizando distintos modos de ser e estar no mundo e atentar-se para o tratamento destinado aos bebês neste contexto e em especial aos bebês negros.

A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira que apresenta bebês negros como protagonistas, além de possibilitar a construção de uma educação antirracista ainda é uma forma de apresentar às crianças, negras e brancas, a vasta diversidade étnico-racial existente, dialogando de forma positiva com diversos referenciais, ampliando seu repertório cultural e contribuindo com a construção de uma identidade étnico-racial positiva, que valorize sua subjetividade.

Os livros analisados por nós apresentam algumas características que podem indicar um caminho a ser trilhado para esta produção. Destacamos os seguintes aspectos



que foram encontrados nos três livros: dois deles tinham um tamanho maior do que o comum, assim como a fonte do texto; os três colocam o bebê na centralidade da narrativa, o texto é lúdico, brincante, melódico com repetições que tornam os textos familiares para os bebês; há recursos sinestésicos, a questão da temática afro-brasileira e africana ocorre principalmente por meio dos recursos imagéticos, como cores, fenótipo dos personagens e acessórios.

Os temas trabalhados são próprios da infância: aniversário em dois deles e o nascimento (o bebê é o irmão mais novo); as narrativas nos três ocorrem em núcleo familiar; os bebês, em dois deles, não têm nome e mesmo constituindo o centro da narrativa eles não agem de modo autônomo, uma vez que sua presença na história está mediada por acontecimentos outros. Um fato curioso é que, embora quantitativamente os livros de temática africana tragam meninas como protagonistas, no caso dos bebês nos três livros todos são meninos.

Avançaremos na possibilidade de análise à medida que se amplia a produção deste tipo de literatura e, ao focarmos nossa lente neste ponto: bebês negros na literatura infantil de temática africana e afro-brasileira, nosso intento é também estimular a produção, pois as crianças merecem uma literatura que contemple a multiplicidade de histórias e vidas, reconhecendo as diversas identidades e valorizando aquelas que por muito tempo foram desconsideradas. As páginas dos livros de literatura também são lugares de bebês –meninos e meninas negras – protagonizando história em que suas vozes reverberem seus medos, angústias e alegrias, nas palavras e nas imagens, com qualidade estética e ética.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. OLIVEIRA, Fabiana de. *As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes*. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p. 194-220.

ARAUJO, Débora Cristina de; DIAS, Lucimar Rosa. *Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar é o verbo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e88368, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/88368>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

ALMEIDA, Gercilga de. *Bruna e a galinha d'Angola*. Ilustração: Valéria Saraiva. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

BAPTISTA, Mônica Correia; LÓPEZ, MaríaEmilia; ALMEIDA JR., José Simões de. *Bebeteca nas instituições de educação infantil: espaços do livro de leitura para crianças menores de 6 anos*. Educação em foco, ANO 19, N. 29, SET./DEZ. 2016. P. 107-123.

BAPTISTA, Mônica Correia. BELMIRO, Celia Abicalil. GALVÃO, Cristiene. *Educação Infantil e a gênese do processo de construção do leitor literário*. In: DEBUS, Eliane. JULIANO, Dilma beatriz. BORTOLOTTI, Nelita. (Orgs.). *Literatura Infantil e Juvenil: do literário a outras manifestações estéticas*. Tubarão: Unisul, 2016.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Madiba, o menino africano*. Ilustrações Renato Alarcão. São Paulo: Cortez, 2011.

BERNARDES, Tatiana Valentin Mina. *A literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira nos acervos do programa nacional biblioteca da escola (PNBE) para educação infantil*. 213 f.. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CHERRY, Matthew A.. *Amor de cabelo*. Ilustração Vashti Harrison. Tradução Nina Rizzi. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2020.

COOKE, Trish. *Tanto, tanto!*. Ilustrações Helen Oxenbury. Tradução Ruth Salles. São Paulo: Ática, 2008.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. *A ação social dos bebês a partir da teoria compreensiva de Max Weber*. In: Estudos de bebês e diálogos com a Sociologia. TEBET, Gabriela (Org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 631p.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para criança e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

\_\_\_\_\_. *Antonietta*. Ilustrações Annie Ganzala. Tubarão (SC): Copiart, 2019.

DIAS, Lucimar Rosa. *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um*. Ilustrações Sandra Beatriz Lavandeira. Campo Grande, MS: Editora Alvorada, 2012.

\_\_\_\_\_. *Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo*. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, set.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/10.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

DIOUF, Sylviane A.. *As tranças de Bintou*. Ilustrações Shane W. Evans. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FÁTIMA, Cruz dos Santos, Ana. *As tranças de minha mãe*. Ilustrações Quézia Silveira. São Paulo: Editora Uirapuru, 2018.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *As bonecas negras de Lara*. Ilustrações Élio Chaves. Ponta Grossa: ABC Projetos, 2017.

FRANÇA, Rodrigo. *O pequeno príncipe preto*. Ilustrações Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GAIVOTA, Gustavo. *Chico Juba*. Ilustração Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

GOMES, Nilma Lino. *Betina*. Ilustração Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.



- \_\_\_\_\_. *O menino coração de tambor*. Ilustrações Mauricio Negro. Belo Horizonte: Mazza, 2013.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: uma análise historiográfica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>. Acesso: 18 de julho de 2020.
- HAMPEL, Letícia Carla dos Santos Melo. *Os bebês, a professora e os livros de literatura: reflexões sobre a mediação da leitura no Berçário*. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, 2016.
- hooks, Bell. *Meu crespo é de rainha*. Ilustração Chris Raschka. São Paulo: Boitatá, 2018.
- KALEKI. *Anansi, o velho sábio*. Ilustrações J. C. Götting; tradução R. F. Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- LIMA, Heloísa Pires. ANDRADE, Rosa Maria Tavares. *Lendas da África moderna*. Ilustrações Denise Nascimento. São Paulo: Elementar, 2018.
- MARINHO, Josias. *O príncipe da Beira*. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- MATTOS, M. Nazareth de Souza Salutto de. *Leitura literária na creche: o livro entre olhar, corpo e voz*. Trabalho apresentado na 36ª Reunião Anual da ANPEd (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação de Crianças de 0 a 06 anos. Goiânia (GO): 2013. Disponível em: [http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_aprovados/gt07\\_trabalhos\\_pdfs/gt07\\_2887\\_texto.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_2887_texto.pdf).
- MEIRELES, Ariane Celestino. SOUZA, Edileuza Penha de. *Princesas negras*. Ilustrações Juba Rodrigues. Rio de Janeiro, Malê, 2018.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2003.
- OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-Oba: histórias de princesas*. Ilustração de Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O mundo no blackpower de Tayó*. Ilustração Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- PEREIRA, Sara da Silva. *A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”*. 206 f.. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- RAMOS, Lázaro. *O caderno de rimas do João*. Ilustrações Mauricio Negro. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2015.
- \_\_\_\_\_. *O caderno sem rimas da Maria*. Ilustrações Mauricio Negro. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2018.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- Rosa, Sonia. *O menino Nito*. Ilustrações Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*. Ilustrações Luciana Justiniani Hees. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.



\_\_\_\_\_. *É o aniversário do Bernardo*. Ilustrações Luna. São Paulo: DCL, 2015.  
\_\_\_\_\_. *Lindara, a menina que transbordava palavras*. Ilustrações Bruno Cantú. Belo horizonte: Nandyala, 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SANTANA, Patrícia. *Cheirinho De neném*. Ilustrações Thiago Amormino. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

SILVA, Cidinha da. *Os nove pentes d'África*; ilustrações de Iléa Ferraz. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

SISTO, Celso. *O casamento da princesa*. Ilustrações Simone Matias. São Paulo; Prumo, 2009.

TEBET, Gabriela. ABRAMOWICZ, Anete. *Estudos de bebês: linhas e perspectivas de um campo em construção*. Educação Temática Digital. Campinas, SP, v.20, n.4, p. 924-946, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8649692/18669>. Acesso em: 22 de julho de 2020(a)

\_\_\_\_\_. *O bebê interroga a sociologia da infância*. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 43-61, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4254>. Acesso em: Jul. 2020(b)

*Recebido 30/07/2020*

*Aprovado em 15/08/2020*